



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS SOUSA

ANNA THEREZA GALDINO DE SOUSA

CIGANIDADES, SEUS JOGOS E BRINCADEIRAS NO BRASIL

SOUSA/PB

2025

ANNA THEREZA GALDINO DE SOUSA

CIGANIDADES, SEUS JOGOS E BRINCADEIRAS NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física, no
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa.

Orientador(a): Prof. Dr. Adriano Martins Rodrigues dos Passos

SOUSA/PB

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados internacionais de catalogação na publicação

Milena Beatriz Lira Dias da Silva – Bibliotecária – CRB 15/964

Sousa, Anna Thereza Galdino de.
P289c Ciganidades, seus jogos e brincadeiras no Brasil /
Anna Thereza Galdino de Sousa, 2025.

48 p.: il.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Martins Rodrigues dos Passos.
TCC (Licenciatura em Educação Física) - IFPB, 2025.

1. Ciganos Calon. 2. Jogos e brincadeiras. 3. Cultura corporal. 4. Identidade
étnica. 5. Socialização Infantil. I. Título. II.

IFPB Sousa / BC

CDU 719:37

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título: “**CIGANIDADES, SEUS JOGOS E BRINCADEIRAS NO BRASIL**”

Autor(a): **Anna Thereza Galdino de Sousa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado pela Comissão Examinadora em: **17/10/2025**

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANO MARTINS RODRIGUES DOS PASSOS**
Data: 10/12/2025 17:18:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profº Dr. Adriano Martins Rodrigues dos Passos

IFPB/Campus Sousa - Professor(a) Orientador(a)



Profª Dra. Giulyanne Maria Silva Souto

IFPB/Campus Sousa - Examinador 1

Documento assinado digitalmente
 **MARCILANIA GOMES ALCANTARA FIGUEIREDO**
Data: 18/10/2025 14:19:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Me. Marcilânia Gomes de Alcântara Figueiredo

Secretaria Municipal de Educação de Sousa PB - Examinador 2

"A vida não é sobre esperar a tempestade passar, é sobre aprender a dançar na chuva."

— *Vivian Greene*

AGRADECIMENTOS

Esta trajetória acadêmica no curso de Educação Física foi, muito mais do que um percurso formativo, uma verdadeira lição de resiliência, superação e fé. Se chegar até aqui já é uma conquista por si só, fazê-lo diante de todos os desafios que surgiu no caminho é um feito que não teria sido possível sem o apoio fundamental de diversas pessoas, a quem dedico minha eterna gratidão.

Meu primeiro e mais profundo agradecimento direciono à minha família, meu alicerce inabalável. Aos meus pais, que são a base de tudo que sou, direciono minha gratidão mais essencial. Obrigada não apenas pela paciência e compreensão, mas pelos cuidados incessantes que foram meu porto seguro nos momentos mais difíceis. Sua capacidade de me entender nos dias em que a dor falou mais alto, oferecendo silêncio acolhedor ou palavras sábias, foi um dos maiores presentes que eu poderia receber. Sem o sacrifício e a força tranquila de vocês, eu não teria chegado aqui.

À minha irmã, cujo apoio e carinho têm um lugar singular no meu coração, obrigada por ser minha cúmplice na vida. Nossa jeito único de ser, com risadas, olhares e conversas que só nós entendemos, foi um refúgio constante. Você tornou os dias mais leves simplesmente por existir ao meu lado, e isso fez toda a diferença para minha sanidade e minha força. À minha avó, pela presença reconfortante e cuidado. E às minhas tias, pelo carinho constante.

Um agradecimento muito especial direcionado à minha tia, Marilene. Foi a partir do seu trabalho e da sua tese de doutorado que surgiu a centelha inicial para este Trabalho de Conclusão de Curso. Sua orientação, conselhos e apoio foram cruciais, e sou imensamente grata por ter sido uma peça fundamental nessa jornada.

Ao meu amor, Vinicius, meu porto seguro. Sua presença foi o alicerce que faltava nos momentos de maior turbulência. Obrigada não apenas por cada abraço acolhedor e cada palavra de conforto no momento exato, mas, principalmente, por ter me "aguentado" com tanta paciência e compreensão durante toda a extenuante jornada de escrita. Sua contribuição vai muito além do apoio emocional: sua ajuda prática foi fundamental. Os ajustes minuciosos, as opiniões sinceras e a perspectiva clara que você trouxe ao meu trabalho foram, verdadeiramente, um presente do céu. Nos momentos de dúvida e cansaço, você foi minha segunda opinião, meu revisor e meu maior incentivador. Seu apoio, em todas as esferas, fez absolutamente toda a diferença para que eu chegassem até aqui.

Às minhas amigas, Hele, Amanda, Larissa e Isabel, que iluminaram meus dias no instituto. Obrigada por tornarem os momentos pesados mais leves, por cada conversa, conselho valioso e palavra de conforto. Vocês são incríveis. A toda a Turma 2020, obrigada por cada risada e brincadeira que provaram que, mesmo diante das dificuldades, a vida pede um sorriso e gratidão.

Aos professores e professoras da instituição, meus sinceros agradecimentos por todos os ensinamentos. Destaco três que marcaram profundamente minha caminhada:

À Professora Valmiza, pela compreensão e empatia. Suas palavras de conforto, especialmente aquele recado carinhoso em um post-it em um dos meus piores momentos, ressoaram profundamente em mim e me lembraram da menina forte, bonita e sorridente que existia por trás da dor.

À Professora Giullyane, obrigada por todas as caronas e, principalmente, pelas conversas sinceras sobre a vida e a saúde. Sua preocupação genuína e compreensão foram um farol quando eu retornei ao convívio acadêmico.

À Professora Joyce, que com sua serenidade e fé me acalmou durante uma crise de ansiedade em sala de aula. Seu conselho para "entregar tudo nas mãos de Deus" ecoa em meu coração até hoje, e sua atenção contínua foi um grande conforto.

Ao Coordenador e Professor Wesley, pelo empenho em manter a ordem e ajudar todos os alunos, e a todos os funcionários que tornam o bloco de Educação Física um lugar melhor, em especial a Edinete e seu Beré, pelo cuidado e zelo com os nossos espaços.

Por fim, mas não menos importante, ao meu amigo e orientador, Professor Adriano. Desde as primeiras aulas, eu soube que seria você a me guiar neste desafio final. Nossa sintonia foi imediata. Obrigada por cada ensinamento, paciência, conversa e palavras de apoio. Na disciplina de Ginástica, você me mostrou que eu era capaz de superar meus próprios limites e medos, uma lição que levo para a vida. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu, dopada pela medicação, dei um pouco de trabalho. Sua orientação foi fundamental para a conclusão deste ciclo.

E, acima de tudo, agradeço a Deus. Nos momentos em que busquei forças onde já não havia mais nenhuma, o Senhor me mostrou que eu era capaz. Sem a Sua graça, nada disso seria possível.

A todos, o meu mais sincero e eterno obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a cultura corporal da comunidade cigana Calon no Brasil, com foco em seus jogos e brincadeiras tradicionais, destacando seus significados socioculturais e identitários. Parte-se do reconhecimento da invisibilidade histórica e da marginalização enfrentada pelos povos ciganos no país, contrastando com a riqueza e resistência de suas expressões culturais. O estudo adota uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como exploratória-descritiva, e foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura. Foram analisadas 21 produções acadêmicas (teses, dissertações, artigos, livros e monografias), selecionadas a partir de plataformas como BDTD, SciELO e acervos de núcleos de estudos ciganos, publicadas entre 2005 e 2025. A coleta e o tratamento dos dados seguiram critérios de pertinência temática e relevância para a compreensão das práticas lúdicas da infância Calon. Os resultados demonstram que, na comunidade Calon, o brincar transcende a mera recreação, constituindo-se como um poderoso mecanismo de socialização étnica, transmissão cultural e preparação para a vida adulta. As brincadeiras, como amarelinha, pião, peteca e, sobretudo, o jogo de baralho, são pedagogias nativas que ensinam valores, normas comunitárias e papéis de gênero. Através da imitação lúdica de situações cotidianas (negociações, cortejos, cuidados domésticos), as crianças internalizamativamente a cosmovisão Calon. Observa-se uma clara divisão de gênero: meninas são orientadas para a esfera doméstica e do casamento, enquanto meninos são socializados para atividades como o comércio. A pesquisa também evidencia um processo de ressignificação lúdica, no qual brincadeiras da sociedade não-cigana (juron), como esconde-esconde e pique-pega, são apropriadas e transformadas. Práticas como "Acusado" e "perseguição policial" ganham novos significados, incorporando a língua Chibi (Caló) como elemento de proteção e resistência, reforçando a coesão grupal e a identidade étnica. A análise à luz da Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas revela que, embora a lógica interna (estrutura) desses jogos possa ser similar, sua lógica externa (significado cultural) é radicalmente distinta, traduzindo valores de autonomia, liberdade e desafio à autoridade. Conclui-se que os jogos e brincadeiras são atos de resistência e reinvenção cultural, fundamentais para a continuidade da tradição Calon. O estudo aponta para a urgência de superar a invisibilidade acadêmica dessas práticas, recomendando a realização de pesquisas etnográficas colaborativas, a criação de repositórios que as registrem como patrimônio imaterial e a inserção desses saberes nos currículos de Educação Física, promovendo uma educação plural e decolonial.

Palavras-chave: Ciganos Calon. Jogos e Brincadeiras. Cultura Corporal. Identidade Étnica. Socialização Infantil.

ABSTRACT

This research aims to analyze the body culture of the Calon Roma community in Brazil, focusing on their traditional games and play, highlighting their sociocultural and identity meanings. It starts from the recognition of the historical invisibility and marginalization faced by Roma people in the country, contrasting with the richness and resistance of their cultural expressions. The study adopts a qualitative approach, characterized as exploratory-descriptive, and was conducted through an integrative literature review. Twenty-one academic works (theses, dissertations, articles, books, and monographs) were analyzed, selected from platforms such as BDTD, SciELO, and Roma study center collections, published between 2005 and 2025. Data collection and treatment followed criteria of thematic pertinence and relevance for understanding the play practices of Calon childhood. The results demonstrate that in the Calon community, play transcends mere recreation, constituting a powerful mechanism for ethnic socialization, cultural transmission, and preparation for adult life. Games such as hopscotch, spinning tops, hacky sack, and especially card games, are native pedagogies that teach values, community norms, and gender roles. Through the playful imitation of everyday situations (negotiations, courtship, domestic care), children actively internalize the Calon worldview. A clear gender division is observed: girls are oriented towards the domestic sphere and marriage, while boys are socialized for activities such as commerce. The research also highlights a process of playful resignification, in which games from non-Roma society (juron), such as hide-and-seek and tag, are appropriated and transformed. Practices like "Acusado" (Accused) and "police chase" gain new meanings, incorporating the Chibi language (Caló) as an element of protection and resistance, reinforcing group cohesion and ethnic identity. Analysis based on Pierre Parlebas' Motor Praxeology reveals that although the internal logic (structure) of these games may be similar, their external logic (cultural meaning) is radically distinct, translating values of autonomy, freedom, and defiance of authority. It is concluded that games and play are acts of cultural resistance and reinvention, fundamental to the continuity of the Calon tradition. The study points to the urgency of overcoming the academic invisibility of these practices, recommending the conduct of collaborative ethnographic research, the creation of repositories to record them as intangible heritage, and the inclusion of this knowledge in Physical Education curricula, promoting a plural and decolonial education.

Keywords: Calon Roma. Games and Play. Body Culture. Ethnic Identity. Child Socialization.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1	Desenhos feitos por Gabriela, Milena e Daniel.	39
Imagen 2	Costudei sueli da mencha	43
Imagen 3	Paguerdou barri	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estudos utilizados no trabalho	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCCs	Trabalhos de conclusão de curso
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
USP	Universidade de São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFC	Universidade Federal do Ceará
DHne	Direitos Humanos da Internet
NEC	Núcleo de Estudos Ciganos
AMSK	Associação Internacional Mayle Sara Kali

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	17
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	17
2.2	TRABALHOS SELECIONADOS	20
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
3.1	O LÚDICO A SERVIÇO DA TRADIÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS CIGANAS NAS OBRIGAÇÕES COMUNITÁRIAS ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS	36
3.2	RESSIGNIFICAÇÃO LÚDICA: COMO AS BRINCADEIRAS DOS JURENS SÃO RESSIGNIFICADAS NA COMUNIDADE CIGANA	39
4	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, país marcado por uma riqueza cultural forjada no encontro de povos e tradições, carrega em sua história um paradoxo silencioso: enquanto celebra publicamente sua diversidade, mantém à sombra inúmeros grupos cujas vozes não são ouvidas¹. Entre esses, os povos ciganos, ou melhor, os Calon, Rom e Sinti, como preferem ser chamados em suas autodenominações específicas (Lima, 2023; Moonen, 2011) - representam um caso emblemático dessa invisibilidade estrutural.

O próprio termo "cigano", cunhado no século XV, em contextos de perseguição europeia, revela a complexidade dessa identidade, ressignificada como bandeira de orgulho por essas comunidades, mas que ainda carrega o peso de estereótipos seculares que reduzem culturas inteiras a caricaturas de nomadismo ou exotismo² (Moonen, 2011).

A complexidade identitária dos povos ciganos, discutida anteriormente, reflete-se diretamente em sua história no Brasil – marcada por uma trajetória de dispersão, resistência e adaptação. Estima-se que hoje existam entre 500 mil e 1 milhão de ciganos no país, distribuídos por todos os estados (Silva Júnior, 2018). No entanto, a imprecisão desses dados revela uma invisibilidade histórica: a ausência de mecanismos oficiais que contemplam adequadamente essas populações nos censos nacionais (Lima, 2023). Essa lacuna estatística contrasta com a presença atestada por pesquisas do IBGE, que identificaram acampamentos ciganos em 337 municípios brasileiros (Silva Júnior, 2018). Como alertam Cavalcante, Costa e Cunha (2017), tais números mascaram a diversidade de arranjos comunitários – desde ranchos mistos até habitações temporárias –, reforçando a necessidade de se entender a presença cigana para além de quantificações simplistas.

No entanto, essa riqueza identitária convive com uma realidade de invisibilização. A falta de reconhecimento institucional, como a ausência de categorias censitárias específicas no Brasil (Lima, 2023), reflete uma história de exclusão que persiste. A mobilidade, por exemplo, muitas vezes interpretada como escolha cultural, é também uma consequência da falta de acesso a políticas públicas básicas, como moradia digna (Lima *et al.*, 2017). Essa

¹ Ao longo da história, as vozes e perspectivas dos povos ciganos têm sido sistematicamente silenciadas e apagadas. Este silenciamento se manifesta pela invisibilidade em materiais didáticos e currículos escolares, pela perpetuação de estereótipos na mídia e na literatura, e por políticas de Estado que, desde o período colonial, visaram suprimir suas línguas e culturas. Esse processo resulta na negação de seus saberes, na distorção de suas identidades e na exclusão de suas narrativas do discurso social majoritário, dificultando o reconhecimento de seus direitos e o combate à discriminação estrutural (Lima, 2023, p. 27, 93, 94; Marques, 2023, p.18)

² O nomadismo cigano foi historicamente uma resposta à rejeição e perseguição, e não uma opção livre. O exotismo associado a eles, é um esteriótipo que mascara a diversidade real do povo cigano e as dificuldades por eles enfrentadas, como a discriminação e a invisibilidade social (Marques, 2023; Shimura, 2017)

tensão entre preservação cultural e adaptação às pressões externas revela a resiliência de um povo que, apesar de secularmente marginalizado, continua a reinventar seus modos de existir e resistir.

Estudos etnográficos identificam comunidades ciganas em pelo menos 24 cidades da Paraíba, cada uma com modos únicos de viver sua ciganidade³ (Monteiro, 2015). Desse mosaico cultural, destaca-se Sousa, no Alto Sertão Paraibano, que abriga a maior população cigana do estado – os Calon, descendentes de ciganos portugueses que chegaram ao Brasil há séculos (Lima, 2023; Moonen, 2011).

A história dos Calon é marcada por deslocamentos entre o Ceará e a Paraíba, especialmente pelos Vales do Cariri e do Rio do Peixe, espaços de profundo significado simbólico (Silva Filho, 2022). Até os anos 1960, mantinham um estilo de vida nômade, sustentado pelo comércio de animais e pela leitura de mãos (*dinhar drabe*), enquanto preservavam sua língua (Caló), rituais e organização familiar (Rangel, 2019). Essa trajetória sofreu uma inflexão nos anos 1980, quando foram "obrigados a parar para morar", como relata Francisco Figueiredo, também conhecido com "Coronel", comenta em seu livro *Calon: história e cultura cigana* (2012, p. 25) que: a decadência do comércio tradicional os levou a se fixarem em casas de taipa, adaptando-se a novas atividades econômicas.

O processo de sedentarização foi mediado pela gestão do prefeito Antônio Mariz, que na década de 1960 rompeu com políticas de exclusão, conquistando a confiança dos Calon ao "tratá-los como gente" (Rangel, 2019). Em 1982, consolidou-se a fixação em Sousa, com a demarcação de terrenos que permitiram o surgimento dos ranchos – núcleos familiares como o Rancho de Cima e o Rancho de Baixo, localizados às margens da BR-230 (Figueiredo, 2012). Esses espaços, com casas de alvenaria e taipa, são mais que moradias: expressam organização social, alianças e resistência cultural (Moonen, 2011).

A infância das crianças ciganas Calon é atravessada por experiências singulares que extrapolam a noção ocidental de brincar como mera recreação. Dentro das comunidades ciganas, as práticas corporais e os jogos infantis são caminhos de aprendizado, fortalecimento da identidade e preservação da cultura. Em acampamentos como o de Quissamã (RJ) e na comunidade cigana de Sousa (PB), o brincar emerge de forma livre, espontânea e profundamente integrada ao modo de vida do grupo (Marques, 2023; Lima, 2023).

³ Refere-se à qualidade, modo de ser ou estado de ser cigano, compreendida como uma categoria antropológica plural, subjetiva e dinâmica que engloba tanto elementos identitários e culturais compartilhados por diferentes grupos ciganos quanto suas expressões particulares e locais. Pode ser entendida como um espectro de identidades étnicas que abrange desde noções essencialistas e biológicas até construções socioculturais e políticas, sendo constantemente negociada e reinventada nas relações intra e interétnicas (Shimura, 2017).

Ainda assim, as brincadeiras seguem como espaços potentes de expressão e subjetividade. Em Sousa/PB, por exemplo, o jogo de baralho tem grande importância. Longe de ser apenas um passatempo, ele envolve regras próprias, modos de falar e estratégias que estimulam o raciocínio lógico, a linguagem e a criatividade. Lima (2023) destaca que o baralho, para os Calon, é uma prática cultural que transmite valores, códigos simbólicos e, principalmente, modos de ver e estar no mundo. Trata-se de uma brincadeira com raízes profundas, que permite à criança se conectar com sua cultura enquanto aprende e se diverte.

Ao longo deste estudo será possível compreender os jogos e brincadeiras ciganas como expressões vivas de uma cultura que resiste através dos gestos cotidianos. As crianças Calon, ao reinventarem práticas ancestrais como o jogo de baralho, as rodas de dança ou as brincadeiras com pião, não apenas se divertem, elas atualizam memórias, fortalecem laços comunitários e afirmam identidades em um mundo que frequentemente as marginaliza (Lima, 2023; Teixeira, 2019).

Nesse contexto, perguntamos: quais seriam as manifestações culturais, particularmente os jogos e brincadeiras que permeiam o universo infantil cigano? Esse questionamento torna-se não apenas um exercício acadêmico, mas um ato político de descolonização do olhar para este tema.

Na busca por responder esse questionamento, este estudo tem como objetivo geral: *analisar a cultura corporal da comunidade cigana no Brasil a partir de seus jogos e brincadeiras tradicionais, destacando seus significados socioculturais e identitários*. Traçado esse objetivo principal, definiu-se como objetivos secundários:

- Mapear, a partir da literatura existente, os jogos e brincadeiras tradicionais praticados pelas comunidades ciganas no Brasil, com ênfase na etnia Calon;
- Compreender como os jogos e brincadeiras ciganas expressam valores, costumes e formas de organização social característicos dessa cultura;
- Investigar de que maneira essas práticas lúdicas contribuem para a construção e a preservação da identidade cultural das crianças e jovens ciganos

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é classificada como exploratória-descritiva, uma vez que busca oferecer maior familiaridade com o tema e aprofundar sua compreensão a partir de dados e estudos já publicados. O caráter exploratório manifesta-se na tentativa de compreender um campo ainda pouco investigado — os jogos e brincadeiras das crianças ciganas —, sobretudo no âmbito da Educação Física. Já o caráter descritivo está relacionado à proposta de identificar, registrar e interpretar as práticas lúdicas presentes nas comunidades ciganas, em especial na etnia Calon, analisando seus significados culturais, sociais e identitários.

O estudo foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura, método que permite reunir, avaliar criticamente e sintetizar resultados de pesquisas anteriores sobre determinado tema. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é um procedimento metodológico que possibilita não apenas mapear e organizar o conhecimento existente, mas também identificar lacunas, convergências e tendências teóricas e empíricas em um campo de investigação. Essa escolha metodológica mostrou-se adequada por permitir uma compreensão ampla e articulada sobre as ciganidades e suas manifestações lúdicas, valorizando produções que contribuem para dar visibilidade à cultura cigana no Brasil.

No que se refere à abordagem metodológica, esta pesquisa assume uma perspectiva qualitativa, por priorizar a compreensão da realidade a partir dos significados, valores e práticas sociais presentes nas produções analisadas. Conforme destaca Minayo (2001), a abordagem qualitativa reconhece que o conhecimento é construído no diálogo entre o pesquisador e o objeto de estudo, integrando subjetividade, contexto e interpretação. Essa perspectiva mostra-se especialmente pertinente para o estudo das expressões lúdicas da cultura cigana, pois considera os sentidos simbólicos atribuídos às vivências, aos saberes transmitidos oralmente e às práticas corporais que se reinventam nas relações cotidianas e intergeracionais.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e de revisão de literatura a amostra foi definida com base na relevância teórica e afinidade com o tema. Após levantamento inicial de cerca de 60 (sessenta) trabalhos acadêmicos (artigos, livros, teses, dissertações e TCCs), foram selecionados os que mais dialogavam com os objetivos da pesquisa. Os estudos foram coletados em plataformas como Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) - abrangendo produções da UFPE, UFPEL, USP, UFRJ, UERJ, UFPB e UFC - , SciELO, DHne (em especial o acervo do Núcleo de Estudos Ciganos - NEC), AMSK (Associação

Internacional Mayle Sara Kali) e Universidade Feevale, publicados entre 2005 e 2025⁴. A escolha final considerou critérios como pertinência temática, profundidade analítica e contribuição à compreensão das práticas lúdicas e culturais das infâncias ciganas, especialmente da etnia Calon.

Para a construção do estado da arte, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: (1) produção acadêmica na forma de artigos científicos, dissertações, teses, livros ou capítulos de livros; (2) textos disponíveis na íntegra; (3) escritos em português; (4) enfoque na infância do grupo étnico Calon; (5) abordagem sobre jogos, brinquedos ou brincadeiras tradicionais desta comunidade; (6) que tratasse de ciganidade e povos ciganos. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados: (1) trabalhos repetidos.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e agosto de 2025, por meio de pesquisas sistematizadas com foco em materiais que abordassem a cultura corporal cigana, especialmente os jogos e brincadeiras da infância Calon no Brasil. Foram utilizados descritores e operadores boleadores previamente definidos, como: comunidade cigana AND jogos, calon AND brincadeiras, ciganos AND Sousa, comunidade cigana AND jogos OR brincadeiras, entre outros. Diante da escassez de estudos específicos encontrados nas bases de dados convencionais, optou-se pela aplicação do método cascata (ou snowballing), técnica de amostragem não probabilística que consiste no rastreamento progressivo de referências a partir de documentos previamente identificados como relevantes (Silva e Lopes, 2024). O ponto de partida para esta corrente foi a tese de Lima (2023) - “Aquisição de Linguagem e interação em crianças ciganas Calon: práticas discursivas no contexto multilíngue de Sousa/PB” -, considerada um estudo seminal para o tema.

Inicialmente, foram encontrados cerca de 60 (sessenta) trabalhos entre artigos científicos, livros, teses, dissertações e TCCs, que abordam sobre a comunidade cigana. Esse material foi submetido a uma leitura exploratória para identificar sua pertinência temática e apenas 40 (quarenta) foram selecionados para uma leitura mais rígida. Os textos mais alinhados aos objetivos do estudo foram no total de 21 (vinte e um), então, foram selecionados para compor a base teórica e analítica desta monografia, respeitando critérios de relevância, atualidade e contribuição para o campo da Educação Física e dos estudos sobre jogos e brincadeiras.

⁴ A justificativa para esse intervalo de tempo se dá pela ausência de estudos que demarquem a temática de jogos e brincadeiras infantis da comunidade Calon (Marques, 2023).

Após a aplicação dos critérios de filtragem, obteve-se um corpus final de 21 (vinte e uma) produções, sendo: 5 (cinco) dissertações de mestrado, 6 (seis) teses de doutorado, 2 (dois) livro, 7 (sete) artigos publicados em periódicos, 1 (uma) monografia e 1 (um) capítulo de livro. É importante ressaltar que esse resultado final foi ampliado pela estratégia de busca em cascata (snowballing), na qual as referências bibliográficas dos trabalhos já localizados foram rastreadas em busca de novas fontes relevantes.

O tratamento dos dados nesta pesquisa foi realizado a partir da organização, categorização e interpretação crítica da produção acadêmica selecionada. O processo consistiu em identificar os principais eixos temáticos presentes na literatura analisada, agrupando-os em categorias de discussão (como jogos, brinquedos e brincadeiras; identidade cultural cigana; e invisibilidade social). Essa sistematização possibilitou mapear não apenas as contribuições, mas também as lacunas e desafios do campo, em consonância com o objetivo deste trabalho de valorizar e dar visibilidade às práticas lúdicas das crianças ciganas Calon.

Quadro 1 - Trabalhos selecionados nas Bases de Dados

Nº	Referencial	Metodologia	Resultados	Conclusão
1	CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. <i>Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas</i> . <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , v. 39, n. spe, 6 maio 2019.	O estudo buscou analisar o universo psicossocial da infância <i>calin</i> entre crianças de etnia <i>calon</i> no Espírito Santo, com base nos conceitos de socialização étnica e identidade social. O estudo teve delineamento qualitativo, descritivo e exploratório. Sete crianças (4 a 12 anos), pertencentes à terceira geração após a fixação territorial, participaram. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e técnicas de desenho, realizadas no acampamento cigano, e analisados por meio da análise de conteúdo temática	Os resultados mostraram que as crianças destacam a vivência da lei cigana e das tradições. Suas rotinas envolvem brincadeiras, escolarização e atividades de preparação para a vida adulta, como o cuidado com a barraca. A língua <i>caló</i> e o uso de vestimentas típicas são elementos centrais das tradições. Embora valorizem a alfabetização, relatam estranhamento e usam segundos nomes na escola por não se sentirem seguras. A autoafirmação da ciganidade baseia-se na família e na posse de "sangue cigano". O casamento marca a passagem para a vida adulta e domina as projeções futuras das meninas.	Em conclusão, a identidade cigana é construída positivamente através da socialização étnica, que prepara a criança para a vida em grupo e para a manutenção de sua cultura. Manifestam-se movimentos de resistência, nos quais a nova geração deve manter os elementos identitários essenciais e, ao mesmo tempo, criar recursos para manter sua sociabilidade nas fronteiras com o mundo não cigano. Isso é visto como uma "ciganidade renovada", que é permeável a aprendizagens como a escolarização e o acesso à internet, mas que usa essas mudanças para fortalecer a própria cultura cigana

2	<p>CARLOS, Liana Liberato Lopes. <i>Leituras de si nas Cirandas Ciganas com as crianças do Bairro Sumaré em Sobral/CE: hibridação e resistências</i>. 2022.</p>	<p>A pesquisa se enquadrou no campo da Pesquisa Qualitativa em Educação, utilizando a abordagem (auto)biográfica com crianças.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O trabalho de campo principal deu-se através da constituição de uma Ciranda Cigana, usando o desenho como um dispositivo heurístico e formativo para a produção de narrativas orais e imagéticas pelas "meninas preciosas". • A análise do <i>corpus</i> foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). 	<p>As narrativas revelaram a família como o principal agente na manutenção, transmissão e preservação da cultura cigana.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos centrais da ciganidade foram identificados, incluindo a religiosidade, a dança, a música, a viagem e as práticas ancestrais (como a leitura da mão – <i>dabre</i>). • Evidenciou-se a hibridação cultural pelo contato com a cultura de massa (filmes de princesas, desenhos animados) e a escola. • As meninas demonstraram consciência da divisão sexual do trabalho, notando que as mulheres têm "cem vezes mais trabalho" que os homens nos afazeres domésticos. 	<p>As crianças ciganas ("meninas preciosas") resistem e reafirmam sua identidade mesmo diante do preconceito, agindo como protagonistas sociais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O trabalho deu visibilidade aos povos ciganos e sua cultura, combatendo a estigmatização e marginalização social. • A pesquisa aflorou a necessidade de novos paradigmas educacionais, promovendo o diálogo intercultural e a valorização da educação intergeracional e da cultura local.
3	<p>FERRARI, Florencia. <i>O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros</i>. 2010.</p>	<p>Esta tese é uma etnografia da rede de parentes de ciganos Calon que se estende por todo o estado de São Paulo, visando entender como eles criam sua socialidade no mundo dos <i>brasileiros</i>. O trabalho se baseia em uma abordagem heurística, buscando descrever uma teoria Calon do mundo, recusando modelos teóricos impostos <i>a priori</i>. A metodologia utilizou a observação participante com uma família em Itapecerica da Serra, a partir de outubro de 2007, e foi enriquecida por um arquivo videográfico de mais de 100 horas de filmagem. A pesquisadora, identificada como <i>gajin</i> (não-cigana), teve seu acesso restrito à esfera feminina, o que direcionou a análise.</p>	<p>O principal resultado da pesquisa é que a vida cotidiana Calon é regida pela noção de vergonha. Este é um valor moral fundamental que organiza categorias de puro/impuro, sujo/límpio, e se ancora no corpo feminino. "Fazer-se calon" (tornar-se Calon) é um processo contínuo de produção e exibição dessa <i>vergonha</i>, o que estabelece a diferenciação em relação aos <i>brasileiros (gadjes)</i>, considerados <i>impuros</i>. A <i>vergonha</i> conecta-se a diversos aspectos da vida, incluindo a viagem, a noção de parentesco e as conceitualizações de tempo e espaço.</p> <p>A língua, ou <i>chibi brasileiro</i>, é um "dispositivo discursivo" utilizado para criar uma "comunidade de sentimento" e diferenciar-se dos <i>gadjes</i>, sendo empregado com uma</p>	<p>Em conclusão, a tese sugere que a socialidade Calon é uma "contra-invenção" que se constrói ativamente em oposição e a partir do mundo dos <i>gadjes</i>. Os Calon negam o passado (por exemplo, através do <i>trabalho</i> do luto, que apaga os traços do morto) e se orientam para o presente. Essa socialidade é marcada por um nomadismo cosmológico: o movimento para eles é absoluto e independe da fixação territorial, sendo levado "dentro de si". Por fim, o Estado e seus agentes são vistos como <i>gadjes</i> e não como uma entidade abstrata, permitindo aos Calon uma recusa prática do poder coercitivo estatal, buscando "extrair recursos" do mundo <i>gadje</i> e testar os limites do poder central, sempre atuando em grupo e jamais "sozinhos".</p>

			<p>carga emotiva que reforça essa socialidade.</p> <p>Apesar da diferenciação, o casamento com <i>gadjes</i> é visto como uma possibilidade, sendo, em alguns casos, central ao sistema de reprodução social Calon. Um <i>gadge</i> pode ser incorporado à rede de parentesco e "virar calon" através da submissão às práticas e valores da <i>vergonha</i>, embora o limite de sua inclusão possa perdurar por gerações.</p>	
4	<p>LIMA, M. G. S. <i>Um olhar sobre a aquisição da linguagem da criança cigana Calon</i>. 2017.</p>	<p>Metodologicamente, o trabalho adotou um estudo de campo de caráter qualitativo e longitudinal com duração de oito meses,. O <i>corpus</i> foi constituído a partir de dezenas filmagens de cenas de interação naturalística entre adultos e uma criança,, em uma comunidade cigana Calon no Rancho de Cima, Sousa, que utiliza o Português e o <i>chib de calon</i>,. A criança estudada tinha entre 1 ano, 4 meses e 21 dias a 2 anos,. Teoricamente, o estudo defende uma concepção dialógica de língua (Bakhtin),, a ideia de que gesto e fala compõem uma única matriz de significação (Multimodalidade: McNeill, Kendon),,, e toma a Atenção Conjunta (Tomasello) como <i>locus</i> privilegiado para observar a materialização dialógica e multimodal da língua,. A análise foi feita com o auxílio do software ELAN,, focando no Envelope Multimodal (olhar, gestos e fala).</p>	<p>Os resultados apontaram para a presença de singularidades nos enunciados da criança,, demonstrando que sua subjetividade está sendo construída com base numa coletividade <i>calon</i> em oposição à sociedade <i>juron</i> (não-cigana),. Foram notados traços da língua portuguesa e do <i>chib de calon</i>,, bem como a presença de gestos emblemáticos culturalmente convencionalizados na cultura cigana,. Exemplos dessas singularidades incluem o gesto específico para a ação de "tomar banho",,, e o uso de um apontar não convencional, nomeado de dêitico ideológico, acionado para indicar um 'não-cigano' (<i>juron/jurin</i>),,. Este apontar ideológico, que também é metafórico, e o uso das palavras <i>jurin/juron</i>,, marcam um discurso socialmente construído,. Além disso, a criança demonstrou engajamento consolidado nos três tipos de Atenção Conjunta (Verificação, Acompanhamento e</p>	<p>Em conclusão, o estudo confirmou que a entrada da criança cigana na linguagem é singular, sendo a socialização através da linguagem permeada por elementos verbais e gestuais da cultura cigana Calon,. A língua <i>chib de calon</i> é mantida em segredo dos <i>juren</i> (não-ciganos) por funcionar como um importante traço diacrítico e mecanismo de defesa,. A internalização de gestos emblemáticos e palavras como <i>jurin/juron</i> pela criança demonstra a apropriação de uma posição ideológica que a distingue da sociedade majoritária,. A pesquisa espera, assim, trazer contribuições para a área da Linguística, especificamente sobre a aquisição da linguagem por crianças ciganas,, e auxiliar educadores a compreender e valorizar as singularidades dessas crianças em ambientes escolares.</p>

			<p>Direta), sendo sugerido que a Atenção de Verificação funciona como uma dimensão sobreposta aos demais tipos de atenção.</p>	
5	<p>LIMA, Marilene Gomes de Sousa. <i>Aquisição de linguagem e interação em crianças ciganas Calon: práticas discursivas no contexto multilíngue de Sousa/PB</i>. 2023.</p>	<p>A Metodologia adotada foi uma pesquisa de campo qualitativa, de base descritivo-interpretativista, fundamentada na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, utilizando o heterodiscurso como categoria analítica. O trabalho de campo durou 12 meses e foi realizado na comunidade Calon de Rancho de Cima, em Sousa/PB. Os dados foram produzidos por meio de 34 gravações de vídeo e áudio de interações cotidianas envolvendo adultos e duas crianças (uma menina de 20 a 28 meses e um menino de 16 a 29 meses). A análise focou nas recorrências linguístico-discursivas, examinando as relações dialógicas e as forças sociais ativas presentes nas enunciação.</p>	<p>Os Resultados demonstraram que adultos e crianças são falantes translingues, mobilizando um repertório complexo que inclui o português, a língua cigana (chibi), sinais e gestos emblemáticos. O heterodiscurso emerge através da partilha interessada da palavra, que é orquestrada pelos adultos para conferir a alteridade Calon e inserir a criança no horizonte axiológico da comunidade.</p> <p>Duas estratégias discursivas se destacaram: o uso de jogos linguísticos de perguntas e respostas e o modo imperativo, ambos carregados de posições valorativas Calon (axiologias). A presença da pesquisadora <i>jurin</i> (não cigana) funcionou como um catalisador para a emergência da chibi—uma língua compartilhada apenas entre os Calon—como uma força centrífuga, marcando a fronteira étnica e socializando a criança nas ideologias linguísticas de proteção e pertencimento.</p> <p>Observou-se, ainda, que mesmo os enunciados ditos inteiramente em português não são "neutros", mas sim uma estratificação da língua que se apresenta como um português com axiologias Calon. Tópicos como a dança, a reza, o jogo de baralho e os cuidados com os passarinhos são exemplos de como valores culturais são transmitidos</p>	<p>A Conclusão do estudo reforça que a aquisição da linguagem pelas crianças Calon é um processo de Aquisição Axiológica da Linguagem, orientado pela moralidade Calon local. A tese sugere que a compreensão das interações sob a lente do heterodiscurso é crucial para entender como adultos e crianças Calon se posicionam e negociam sentidos no mundo. O trabalho também enfatiza a necessidade de que o sistema educacional reconheça a história, as culturas e as ideologias linguísticas dos Calon, promovendo uma educação dialógica que valorize o modo singular como essas crianças se constituem na linguagem.</p>

			<p>através da linguagem portuguesa estratificada. A criança participa ativamente deste processo, assimilando a palavra bivocal do adulto e reelaborando-a por meio da estilização.</p>	
6	<p>MARQUES, Maria Cristina. <i>O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens</i>. 2023</p>	<p>Metodologicamente, o estudo utilizou a fotoetnografia miúda (<i>micro-photoethnography</i>), conforme proposto por Caputo (2008), colocando a criança Calon como protagonista do texto. A abordagem é ao mesmo tempo lúdica e crítica, envolvendo a pesquisadora ativamente nas brincadeiras. As técnicas de coleta de dados incluíram escuta de narrativas, observação e entrevistas. Devido ao surgimento da COVID-19, o trabalho de campo presencial foi inicialmente interrompido, sendo a pesquisa realizada, em grande parte, pelo aplicativo WhatsApp, por meio de áudios e vídeos, adaptando a etnografia para a mídia digital (<i>app-ethno researching</i>). A metodologia do desenho também foi empregada para estimular a expressão das crianças sobre sua cultura e modo de vida</p>	<p>Os resultados da pesquisa revelaram que o cotidiano e o brincar das crianças Calon de Quissamã estão estreitamente associados às tradições de seu povo, o que confirma a preservação cultural no acampamento. O estudo gerou os conceitos de "criante-brincante" e "criante-narrante", que se referem, respectivamente, às crianças que praticam atividades lúdicas de forma criativa e às que criam narrativas baseadas em seu dia a dia. As brincadeiras funcionam como disparadores de reflexão sobre a brevidade da infância Calon, pois as crianças se preparam para o casamento ainda nessa fase. Observou-se que os meninos Calon se preparam para o comércio e negociação (<i>breganha</i>), refletido em suas brincadeiras de disputa de marcas de carros, enquanto as meninas Calon se preparam para os afazeres domésticos e valorizam a beleza e a vestimenta tradicional. A pesquisa também documentou a entrada da tecnologia (celulares e TikTok) na vida das adolescentes, modificando costumes e gerando novos desafios e incertezas, como os conflitos internos de Vítoria Barreto em relação ao seu arranjo matrimonial.</p>	<p>Em conclusão, o estudo afirma que as brincadeiras das crianças Calon são "coisa séria" e essenciais para sua identidade cultural, revelando a riqueza e a criatividade desse grupo. A tese assume uma postura política de enfrentamento a preconceitos. O estudo defende a necessidade de uma educação mais inclusiva e plural e reivindica a criação de políticas públicas específicas para os povos ciganos, sugerindo que as escolas adjacentes aos acampamentos incorporem diálogos interculturais e o ensino da língua <i>chibi</i> para favorecer a permanência escolar.</p>

7	MONTEIRO, E. N. J. <i>As crianças Calon: uma etnografia sobre a concepção de infância entre os ciganos no Vale do Mamanguape/PB.</i> 2015.	<p>O trabalho apresenta reflexões sobre a concepção de infância em um grupo cigano Calon residente no litoral norte da Paraíba-Brasil. O estudo é classificado como um estudo de caso, realizado entre 2013 e 2014, ao longo de quinze meses de pesquisa de campo. A metodologia envolveu uma base bibliográfica em antropologia da criança, etnicidade e grupos ciganos, sendo o trabalho de campo centrado na observação participante, procurando o "deutoaprendizado" (aprender a aprender) com o grupo. Foram utilizadas técnicas como entrevistas (semiestruturadas com adultos e crianças, e abertas com nove adultos), e a aplicação de grupo focal e desenhos temáticos e livres com onze crianças Calon.</p>	<p>Os resultados demonstram que, para os Calon, os ciclos de vida não são delimitados pela idade, mas sim por fases rituais estabelecidas pelo grupo. A infância é definida como o período anterior ao casamento, que é considerado o principal rito de passagem para a vida adulta. Tanto as crianças nos grupos focais quanto os adultos entrevistados afirmaram que se deixa de ser criança "quando casa" e se inicia uma nova unidade doméstica, assumindo responsabilidades como trabalhar e cuidar dos filhos.</p> <p>O ciclo da vida é esboçado em três momentos: infância, juventude/adulto e velhice. A infância é um período de proteção e aprendizagem, crucial para a construção do <i>ethos</i> cigano. Há uma fase de preparação para a vida adulta que se inicia cedo: para as meninas, com a menarca, e para os meninos, com o início das negociações ou atividades que gerem proventos. Neste contexto, a categoria "adolescente" não é utilizada como fase geracional. A socialização e a educação se dão intensamente no cotidiano e no interior do grupo, onde as crianças aprendem a ser Calon/Calin e a valorizar aspectos culturais como a linguagem (<i>Chib</i>), os negócios e o ouro.</p>	<p>A pesquisa conclui que a infância Calon é um período estendido até o matrimônio, e que a realidade social brasileira exige que a infância seja tratada de forma plural, reconhecendo que a diversidade de grupos étnicos e sociais define de maneiras distintas o que é "ser criança". O casamento legitima a transição, transformando a criança em homem e mulher aptos a dar continuidade ao grupo através da reprodução e formação familiar.</p>
---	--	---	--	--

8	<p>MONTEIRO, E. N. J. <i>Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon</i>. 2019.</p>	<p>A pesquisa foi desenvolvida ao longo de cinco anos, entre 2013 e 2018, caracterizando-se como uma etnografia itinerante. O trabalho de campo se deu em dois contextos geográficos articulados na Paraíba: o município de Mamanguape (Rede da Costa) e o município de Sousa (Rede do Sertão). A metodologia central envolveu a observação participante, complementada por técnicas etnográficas como conversas informais com adultos e crianças, uso de desenhos com as crianças, e registro fotográfico. No contexto da Rede do Sertão, a pesquisa de campo foi realizada em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental (com crianças ciganas e não-ciganas). Para o diálogo com as crianças, foram utilizados grupos focais com roteiro semiestruturado</p>	<p>A produção da pessoa Calon é baseada na articulação de dois registros: o idioma do sangue e o idioma da socialidade (ou honra/vergonha). Esses idiomas se manifestam na tentativa de negociações entre as práticas Calon e as práticas Juron (não ciganas). A Rede Calon opera simetricamente na formação familiar, mas também através de micro redes de negócios assimétricas que sustentam a economia. A infância Calon é um período da vida no qual a pessoa é totalmente dependente dos pais, protegida e amada, e é um momento de intensa aprendizagem e preparação para a vida adulta. O tempo de parada transforma os significados geracionais sobre a categoria de infância. A transição para a vida adulta está diretamente ligada aos matrimônios e à filiação, que são rituais de passagem que marcam o cumprimento das responsabilidades esperadas pelo grupo.</p>	<p>A tese conclui que o contato entre Calon e Juron é um espaço de intersubjetividade que promove ressignificações. As noções de pertencimento (idioma do sangue e da socialidade) são complementares e fundamentam a produção da pessoa Calon, sendo a educação Calon o processo fundamental para a substancialidade do ser Calon. A infância Calon, embora experienciada de maneiras distintas nas Redes, é central para a manutenção do grupo, garantindo a existência do grupo e a formação de futuros indivíduos Calon. O estudo reforça a necessidade de o Estado compreender o modo de vida Calon e suas concepções culturais ao elaborar políticas públicas, especialmente na educação</p>
---	--	---	---	--

9	<p>MONTEIRO, E. N. J.; GOLDFARB, M. P. L. <i>A infância Calon: notas sobre o "ser criança" entre os ciganos no Vale do Mamanguape – Paraíba/Brasil. Fragmentos de Cultura</i>, v. 27, n. 1, p. 19–29, 2017.</p>	<p>A metodologia baseou-se em uma pesquisa de campo etnográfica de quinze meses, utilizando como principais técnicas a observação participante (buscando o "deutoaprendizado" ou "aprender a aprender"), entrevistas semiestruturadas com adultos e crianças, grupo focal com onze crianças e a aplicação de desenhos temáticos. O trabalho de campo permitiu conhecer a dinâmica da vida cotidiana e as questões geracionais do grupo.</p>	<p>Os resultados revelaram que a infância entre os Calon não é definida por fases etárias, e sim pelos rituais de passagem. O limite da infância é marcado pelo casamento e pela formação da nova unidade doméstica, sendo este o momento em que se deixa de ser criança para entrar na vida adulta, o que geralmente é legitimado com a chegada do primeiro filho. Para os Calon, os ciclos de vida se dividem em infância (que inclui os momentos de proteção, aprendizagem e preparação), juventude/adulto e velhice. A categoria "adolescente" não é utilizada pelos mais velhos. Durante a infância, as crianças são muito valorizadas e protegidas, vivenciando um período intenso de aprendizagem, no qual o <i>ethos</i> cigano é construído. Elas aprendem a linguagem (<i>Chib</i>), a fazer negócios (meninos) e a apreciar adornos (meninas), em um processo de socialização que as diferencia do não cigano. A escolarização acontece sem grande pressão, pois os pais valorizam mais o conhecimento adquirido no interior do grupo de parentesco.</p>	<p>Em conclusão, o estudo enfatiza que a infância Calon compreende um período estendido da vida que só se encerra com o matrimônio. As gerações não são pensadas a partir de dados etários estritos, mas sim a partir das uniões matrimoniais e da reprodução. O cotidiano e os valores culturais compartilhados funcionam como o principal processo de educação, e o estudo reforça a necessidade de se considerar a diversidade sociocultural (grupos étnicos, gênero, etc.) ao tratar a infância como uma categoria plural.</p>
---	---	---	---	--

10	MOONEN, F. <i>Anticiganismo no Brasil: os ciganos na Europa e no Brasil</i> . 3. ed. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2011.	<p>O estudo é um ensaio de cunho antropológico e histórico que se baseia em extensa revisão bibliográfica para reconstruir a história dos ciganos e analisar o anticiganismo, a doutrina de hostilidade a eles dirigida. A metodologia envolveu a desconstrução de imagens negativas e incluiu pesquisa de campo com os Calon de Sousa, na Paraíba. O autor aponta que a produção ciganológica no Brasil é insuficiente e que a ignorância sobre o tema é "enorme".</p>	<p>Os resultados demonstram a diversidade do povo cigano, que inclui os grupos Rom, Sinti e Calon, e criticam o "rom-centrismo" que os trata como um grupo homogêneo. Historicamente, o ódio (<i>anticiganismo</i>) e a perseguição foram constantes desde o século XV. As políticas anticiganas na Europa incluíram escravidão, prisão, deportação (inclusive para o Brasil a partir do século XVI) e culminaram no genocídio (Holocausto). O ensaio refuta três estereótipos persistentes: o cigano ladrão (os furtos são geralmente de subsistência, usando esperteza e não violência), o trambiqueiro (referente ao comércio ou à quiromancia, vista como meio de sustento), e o vagabundo (muitos são trabalhadores autônomos e o nomadismo é frequentemente compulsório). No Brasil, os ciganos são a minoria étnica menos conhecida, e as estatísticas populacionais são consideradas "mera fantasia".</p>	<p>Em conclusão, o estudo afirma que o anticiganismo é resultado da ignorância. O autor observa que muitas políticas pró-ciganas, tanto na Europa quanto no Brasil, resultaram apenas em "palavras escritas em papel". Para que o Movimento Cigano, que é uma realidade irreversível, possa avançar e para que as políticas sejam eficazes, é crucial realizar "mais e melhores pesquisas" sobre as minorias ciganas no Brasil.</p>
----	---	---	---	---

11	<p>PEREIRA, Carmem Souza; SAMPAIO, Thássia de Sá. <i>Variação lexical em comunidade cigana: "jogos e diversões infantis"</i>. 2016.</p>	<p>O presente estudo, realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2016, buscou analisar as variações lexicais dos falantes pertencentes a uma comunidade cigana residente na cidade de Jacobina, BA. Para delimitar o <i>corpus</i> da pesquisa, as autoras escolheram a área semântico-lexical "Jogos e Diversões Infantils" do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foram considerados como fatores de variação a idade e o sexo/gênero dos 12 informantes entrevistados, distribuídos em três faixas etárias. A metodologia envolveu três etapas: estudo teórico, levantamento de dados por gravação digital e análise do <i>corpus</i>, com posterior verificação das definições em dicionários (Houaiss e Caldas Aulete Digital).</p>	<p>Os resultados revelaram que a língua é suscetível a variações, sendo encontradas diversas lexiás para os 13 conceitos questionados. Do total de 156 respostas, 70,51% foram produtivas. Notou-se uma maior frequência de respostas válidas (53,63%) e menor taxa de não-respostas (12,66%) por parte das mulheres. A taxa de não-respostas (29,48% no total) foi, em parte, atribuída ao fato de a infância cigana ser relativamente curta (devido a casamento e trabalho precoce), resultando na falta de familiaridade com certas brincadeiras. Apesar da busca por manter os costumes próprios, a comunidade cigana investigada demonstrou uma clara influência da cultura não-cigana no que tange aos nomes dos jogos. As variantes lexicais mais produtivas (norma linguística) na comunidade incluíram Maria Cambona para <i>Cambalhota</i> (50%), Badogue para <i>Estilingue</i> (50%), Cobra-cega para <i>Cabra-cega</i> (50%), e o uso de Gangorra (58,33%) para se referir ao <i>Balanço</i> (a tábua suspensa).</p>	<p>Em conclusão, o trabalho registra a oralidade desse grupo, confirmado a variação lexical como um fenômeno natural em um sistema linguístico aberto. A pesquisa é considerada de grande relevância por contribuir para a descrição do léxico do português brasileiro e, principalmente, por dar voz e visibilidade a uma etnia historicamente silenciada e alvo de preconceitos, através da divulgação de sua realidade linguística e cultural.</p>
----	---	--	---	---

12	<p>RANGEL, Maria José. <i>A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente às novas exigências sociais</i>. 2019.</p>	<p>A investigação empregou um desenho não experimental do tipo descritiva, com enfoque qualitativo e interpretativo. O estudo esteve vinculado ao Grupo de Pesquisa Formação Docente/Inclusão, Exclusão e Diversidade da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho de campo ocorreu na Comunidade Cigana Calon de Sousa, que se encontra distribuída em quatro "ranchos". Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: uma entrevista estruturada aplicada a 23 professores de duas escolas públicas de Sousa que lecionam para alunos ciganos, e um questionário aberto aplicado a 30 ciganos Calon escolarizados da comunidade. A análise e interpretação dos resultados foram realizadas por meio de análise de conteúdo, utilizando-se quadros e figuras para apresentação dos dados qualitativos.</p>	<p>Na análise das entrevistas com os professores, constatou-se que as relações professor/aluno cigano em sala de aula são geralmente naturais e satisfatórias, mas fora da sala e com a sociedade, o preconceito existe. Houve relatos de que alunos não ciganos não querem realizar trabalhos com os ciganos. Os professores, em sua maioria, utilizam uma metodologia sistemática (igual para todos) e não realizam adaptações para contemplar a cultura cigana, alegando falta de informação sobre a etnia. As maiores dificuldades de aprendizagem dos alunos ciganos foram observadas em Português, Matemática, Geografia e Química, relacionadas à língua falada e escrita (mistura do dialeto Calon com português). A sociedade souseense foi percebida pelos docentes como preconceituosa, que discrimina os ciganos, classificando-os como vadios, preguiçosos e ladrões. Os resultados do questionário aplicado aos ciganos indicaram que eles se fixaram em Sousa a partir de 1982. Sua identidade cultural, marcada pelo sedentarismo, é caracterizada pela história oral, organização social tradicional, <i>buena diche</i> e o dialeto Caló. Contudo, a comunidade expressou que a cultura está se perdendo, com os jovens perdendo o interesse pela língua Caló. O Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), destinado a resgatar a cultura, encontra-se inativo por falta de</p>	<p>O estudo concluiu que a identidade cigana Calon em Sousa está em transformação, sendo influenciada pelo sedentarismo e pela perda da tradição em alguns aspectos culturais, como a língua e o vestuário, embora a valorização da família e a devoção a Santa Sara Kali se mantenham. A escolarização foi considerada de grande importância para a comunidade, e a escola desempenha um papel preponderante na interação dos alunos ciganos, sendo o ambiente escolar uma ferramenta para combater o preconceito e a discriminação. Verificou-se que as perspectivas de futuro dos ciganos Calon dependem da esperança de trabalho, saúde e educação e da revitalização de projetos como o CCDI, que poderiam ajudar a salvaguardar a cultura. O estudo sublinhou a necessidade de ações e políticas efetivas por parte das autoridades locais e nacionais para garantir os direitos constitucionais dos ciganos e edificar e aprofundar o conhecimento sobre essa população, tornando visível e respeitosa a sua pluralidade cultural à sociedade contemporânea.</p>
----	---	---	--	---

			<p>recursos, o que é visto como uma grande dificuldade. Em termos de religiosidade, a Católica e a devoção a Santa Sara Kali são predominantes, mas a entrada de denominações como Testemunha de Jeová, Assembleia de Deus, Universal e Batista está alterando os costumes tradicionais.</p>	
13	<p>SAURA, Soraia Chung. <i>O imaginário do lazer e do lúdico anuciado em práticas espontâneas do corpo brincante</i>. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 1, p. 163-175, jan./mar. 2014.</p>	<p>Esta pesquisa se baseou na antropologia do imaginário e utilizou a fenomenologia da imaginação material de Gaston Bachelard e a filosofia da imagem de Gilbert Durand para investigar o imaginário do lazer inscrito no corpo de crianças. A metodologia consistiu na observação participante e no trabalho de etnografia, realizado em campo durante nove meses em 2009, envolvendo um grupo de 12 crianças da educação infantil (dois a cinco anos). As pesquisadoras atuaram como mediadoras, registrando sistematicamente as práticas de brincar espontâneo em cadernos de campo e imagens. Foi crucial para o estudo a disponibilização de tempo e espaço amplos para o brincar livre e autônomo, fora das restrições de atividades rotineiras e espaços pré-determinados.</p>	<p>Os resultados revelaram que os gestos espontâneos das crianças delineiam um imaginário corporal mítico e ancestral, que se manifesta por meio de imagens dos regimes diurno (desafios, ascensão) e noturno (acolhimento, refúgio) de Gilbert Durand. O brincar espontâneo se mostrou dinâmico, imagético, reflexivo e autodescobridor, promovendo o desenvolvimento físico, motor, psicológico, intelectual e social. As crianças demonstraram uma forte preferência por materiais não estruturados e por elementos da natureza (terra, água, fogo, ar), em detrimento de brinquedos industrializados.</p> <p>Surpreendentemente, ao brincarem livremente e de forma concentrada, as crianças conseguiram contemplar todos os conteúdos curriculares previstos.</p>	<p>Em conclusão, o estudo argumenta que o brincar espontâneo e o lazer são ações principais e estruturantes para o desenvolvimento humano, e não secundárias. O brincar deve ser encarado como um fim em si mesmo e não apenas como um meio instrumental para atingir objetivos pedagógicos. A pesquisa ressalta a importância de repositionar o papel do lúdico dentro da escola, reconhecendo a criança como sujeito ativo de seu próprio aprendizado e cultura, sendo o brincar uma experiência profunda, transformadora e formadora da natureza humana.</p>

14	<p>SHIMURA, Igor Mario. <i>Ser cigano: identidade étnica em um acampamento Calon itinerante</i>. 2017.</p>	<p>A metodologia empregada incluiu a observação participante, entrevistas informais, e o uso de imagens (fotos), com a técnica específica de foto-elicitação. O pesquisador buscou "improvisar soluções" diante da complexidade do objeto, utilizando a ideia de "modelo artesanal de ciência". O trabalho de campo ocorreu entre março e novembro de 2016, abrangendo cidades como Porecatu, Rolândia, Campo Mourão, Maringá e Umuarama. Para obter um olhar mais íntimo, o pesquisador passou diversas tardes e pernoitou no acampamento em múltiplas ocasiões, compartilhando alimentação e dormindo nas barracas. Devido à dinâmica do grupo, a coleta de informações concentrou-se nas "rodas de conversa", onde o pesquisador atuou como observador participante assíduo.</p>	<p>O estudo focou na identidade étnica de um grupo Calon itinerante conhecido como "Povo do Biráco", que vive em barracas. Os resultados demonstraram a pluralidade étnica e cultural da "ciganidade" e os recursos de afirmação identitária que o grupo utiliza para a autopreservação. Nas relações intergrupais (com ciganos e não ciganos), ocorrem negociações, simbiose e resistência que ativam mecanismos coletivos de autoproteção. Elementos como a língua (chibi), a "união" (coesão comunitária manifestada nas rodas de conversa), o uso de "roupas" tradicionais (urdipen e pilcha) e o "viver em barraca" funcionam como sinais diacríticos primários que demarcam fronteiras e resistem à assimilação cultural. A coexistência com a sociedade não cigana e o contato com outros grupos ciganos nutrem a consciência comunitária, fortalecendo a memória e os elementos basilares da identidade. A pesquisa também contrastou os meios didáticos de transmissão de conhecimentos intraétnicos com a escolarização oferecida pelo Estado, que alguns meninos do acampamento estão integrando.</p>	<p>A conclusão aponta que o Acampamento Jair Alves é um "espaço de resistência cultural", cuja identidade é sustentada por mecanismos de autoproteção. O processo educativo interno, que inclui o discurso étnico e a apropriação da visão de mundo pelas crianças, transforma o acampamento em uma "usina produtora de ciganos" de identidade e cultura. Por fim, o "ser cigano" para o grupo é uma concepção bem definida e customizada à sua realidade, que se torna um fragmento do complexo mosaico étnico-racial brasileiro.</p>
----	--	---	--	--

15	SILVA, Jackeline dos Santos; SANTOS, Karla de Oliveira. <i>As infâncias ciganas em um Centro Municipal de Educação Infantil de Carneiros/AL</i> . <i>Diversitas Journal</i> , v. 10, n. 1, 2025.	<p>A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa documental se concentrou na análise dos dois documentos municipais citados. O trabalho se baseia no entendimento de que as crianças ciganas são sujeitas de direitos, produtoras de cultura e conhecimento, desempenhando um papel fundamental no fortalecimento da identidade cigana e na continuidade das tradições.</p>	<p>As análises indicaram que o município de Carneiros/AL, e o CMEI em particular, alcançaram avanços significativos na Educação Infantil. Esses avanços se manifestam na valorização da história e cultura da comunidade cigana no currículo escolar, o que confere legitimidade, apreciação e respeito identitário a elas. O PME (2015) estabeleceu estratégias para fomentar o atendimento da população cigana na Educação Infantil e garantir currículos que contemplem a história e cultura cigana. O PPP (2023) do CMEI, que atende atualmente 4 crianças ciganas (2,6% das matrículas), possui uma seção específica para a educação cigana, assegurando o direito à matrícula sem discriminação e a adequação socioeducacional. As ações desenvolvidas, como projetos temáticos, promovem práticas educativas democráticas, plurais e inclusivas, com a participação ativa da comunidade cigana. O baixo número de matrículas é parcialmente atribuído à cultura de proteção da família Calon, que preza pelo cuidado dos filhos</p>	<p>Em conclusão, o estudo reafirma que as crianças ciganas são sujeitas afirmativas de direitos, cuja breve infância é crucial para a perpetuação das tradições e a construção de sua identidade étnica. A análise legal e prática do PME e do PPP confirma o respeito e a legitimidade da educação para os povos ciganos em Carneiros/AL, por meio de ações que buscam ser descolonizadoras. Embora o número de matrículas seja baixo, as práticas do CMEI fortalecem a importância da comunidade. O recente Decreto nº 12.128/2024, que visa ampliar a presença de crianças ciganas nas escolas, é visto como um progresso que deverá impulsionar novos estudos na área das políticas educacionais</p>
----	--	--	--	--

16	<p>SILVA JÚNIOR, A. A. <i>A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon</i>. 2009.</p>	<p>O estudo utilizou uma metodologia qualitativa híbrida, inscrita em uma etnografia participante, uma vez que o pesquisador pertence ao grupo Kalon, localizado em Mato Grosso. O trabalho foi ancorado na fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard e na Educação Ambiental (EA) pós-crítica. A pesquisa se desenvolveu a partir da tragédia de Lena, usando o elemento fogo como porta de entrada para interpretar como os mitos e ritos Kalon revelam sua percepção ambiental. A metodologia buscou capturar as dimensões do monoculturalismo (EU), multiculturalismo (OUTRO) e interculturalismo (MUNDO).</p>	<p>Os resultados indicaram que a aprendizagem ambiental cigana é manifesta no culto à vida e na aceitação do destino. A identidade cultural é profundamente construída na relação com o meio ambiente, sendo os quatro elementos (água, terra, fogo e ar) chaves para a compreensão de sua cosmologia. O fogo é um símbolo central de transcendência e purificação. A educação Kalon é familiar (família extensa) e transmitida pela oralidade, sendo os rituais de passagem (nascimento, casamento, morte) os métodos processuais mais eficazes de transmissão do saber. Observou-se que o grupo enfrenta uma degradação cultural devido à padronização, mas revela o hibridismo como forma de r-existência (resistência/existência).</p>	<p>Em conclusão, o estudo reafirma que a identidade Kalon é estabelecida por sua profunda interação com o meio ambiente, sendo este um fator fundamental para sua resistência. A EA serviu como suporte metodológico para anunciar e denunciar os preconceitos e massacres sofridos pelos Kalon, valorizando seus saberes tradicionais no diálogo científico. O trabalho é uma tradução dos anseios do grupo na busca por construir sociedades sustentáveis. O pesquisador salienta que o mistério da cultura (o "não dito") é mais intrigante que o dito, e o trabalho serve como uma possibilidade de negociação para os Kalon.</p>
17	<p>SILVA FILHO, Israel Dias da. <i>A (In)visibilidade social e marginalização das etnias ciganas frente às políticas educacionais: o caso do povo Calon do município de Sousa (Paraíba)</i>. 2022.</p>	<p>O estudo analisou a (in)visibilidade e marginalização do Povo Calon de Sousa/PB frente às políticas educacionais, utilizando uma abordagem qualitativa e fenomenológica. A pesquisa, baseada em entrevistas com líderes ciganos e uma gestora pública, concluiu que as políticas universalistas invisibilizam a etnia cigana.</p>	<p>Os resultados destacam que a comunidade enfrenta graves problemas sociais, como a falta de trabalho, o preconceito e a discriminação, e que as políticas sociais existentes são distantes e insuficientes. No campo educacional, apesar de 99% das crianças estarem matriculadas, a escola mantém um caráter hegemônico e etnocêntrico, ignorando a cultura Calon, o que gera um "fossó" entre a lei e a prática e resulta em alta evasão escolar entre jovens.</p>	<p>Contudo, a comunidade resiste mantendo suas tradições e o dialeto Calon por meio da oralidade. O estudo finaliza reiterando que o sistema neoliberal agrava a negação de direitos e sugere a necessidade urgente de dados oficiais (IBGE) e de ações institucionais, como a inserção da temática cigana no currículo universitário (UFPB), para que as políticas educacionais sejam de fato inclusivas.</p>

Fonte: Elaboração própria

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O LÚDICO A SERVIÇO DA TRADIÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS CIGANAS NAS OBRIGAÇÕES COMUNITÁRIAS ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS

Na comunidade cigana Calon, a infância (infância calin) é entendida como um período crucial de aprendizado e preparação para a vida adulta, constituindo-se em "fases sucessivas do momento de proteção, de aprendizagem e de preparação para tornar-se adulto" (Monteiro; Goldfarb, 2017). Esse marco não é meramente individual, mas um "rito essencial para compreender as etapas geracionais" (Monteiro; Goldfarb, 2017; Silva; Santos, 2025), que encerra um longo período de socialização no qual "as crianças aprendem a ser Calon e Calin" (Monteiro; Goldfarb, 2017).

Outro fator que incide sobre a infância cigana é a separação precoce entre os gêneros, especialmente em razão das expectativas culturais em torno do casamento. A partir da pré-adolescência, meninos e meninas passam a brincar separadamente, em preparação para os papéis adultos que devem assumir. Como observam Marques (2023), essa mudança marca o fim de uma infância curta, em que a liberdade do brincar começa a ser limitada pelas normas comunitárias e pelos ritos de passagem da cultura Calon.

A socialização étnica mostra-se, portanto, um processo vital na formação das ciganidades - a ciganidade é um conceito antropológico complexo e multifacetado, frequentemente usado como sinônimo de "identidade" ou "cultura cigana". É uma noção profunda e afetiva de ser e sentir-se cigano, e a socialização étnica é um processo vital para sua formação (Shimura, 2017) . Por meio dela, valores, tradições e um forte senso de comunidade são internalizados, criando as bases sobre as quais a identidade se constrói (Elkin, 1968; Demartis, 1999 *apud* Cardoso; Bonomo, 2019). As vozes das crianças Calon, ao articularem seu pertencimento a partir do vínculo sanguíneo e cultural, ilustram com clareza como esse processo é eficaz na construção de uma identidade positiva e repleta de significado (Tajfel, 1983). A ciganidade, portanto, não é apenas resultado dessa socialização: é também ferramenta de afirmação, resistência e valorização diante de um contexto social que ainda insiste em negar suas existências e legitimidades (Lima, 2014; Montenegro, 2013 *apud* Cardoso; Bonomo, 2019).

No processo de socialização e formação da pessoa Calon, as brincadeiras infantis têm um papel essencial, ajudando a moldar quem ela é. Conforme demonstram os estudos de Monteiro e Goldfarb (2017) e Monteiro (2019), longe de se restringirem a meros

passatempos, as brincadeiras configuram-se como exercícios de ensaio essenciais para as obrigações futuras, funcionando como mecanismos eficazes de transmissão de valores, normas e habilidades necessárias à vida adulta no grupo.

Mais do que uma atividade de lazer, o brincar é uma linguagem viva. A criança cigana, ao se engajar em suas brincadeiras, se torna produtora da sua própria cultura. Segundo Saura (2014, p. 163, Marques, 2023), esse brincar livre “situá a criança como sujeito do seu brincar, como produtora de sua cultura”. Nesse sentido, o corpo em movimento, o gesto espontâneo, a risada partilhada e os códigos que se constroem entre elas não são apenas expressão, mas criação cultural. Cada brincadeira carregada de significados — como amarelinha, peteca, pião, bambolê e o jogo de baralho — transmite, ao seu modo, as marcas da ancestralidade e da memória coletiva (Marques, 2023).

Por meio da imitação lúdica de situações do cotidiano adulto — como negociações, conversas em *Chibi*⁵, cortejos, cuidados com a família e preparação para o casamento —, as crianças não apenas reproduzem, mas também incorporam ativamente o universo cultural Calon. Como assinalam Monteiro e Goldfarb (2017), meninos e meninas são incentivados a tomar decisões, negociar e expressar desejos, ensaiando, desde cedo, os papéis que assumiram como provedores ou gestoras do lar. Através de brincadeiras que simulam trocas, utilizam objetos simbólicos (como carrinhos que remetem aos carros reais ou jóias que preparam para o comércio) e fortalecem a prática da língua e dos valores de respeito e vergonha, elas aprendem a distinguir comportamentos aceitáveis e inaceitáveis, internalizando a moralidade do grupo (Monteiro; Goldfarb, 2017).

Importante destacar que, para os Calon, não há separação rígida entre “brincar” e “aprender”. As crianças participam de verdadeiras atividades adultas, como ir à feira ou ouvir conversas de negócio, o que desfaz qualquer fronteira nítida entre brincadeira e aprendizagem efetiva. Desse modo, as brincadeiras são, na verdade, pedagogias nativas que preparam as crianças para os papéis sociais que assumiram, fortalecendo a noção de pertencimento e responsabilidade para com a família (Marques, 2023; Cardoso; Bonomo, 2019). Através delas, as crianças não se preparam para um “futuro” abstrato, mas sim para um presente contínuo onde a identidade cigana é reproduzida e reafirmada a cada gesto, palavra e interação lúdica, permitindo-lhes negociar sua identidade dentro de um contexto relacional complexo, que articula sangue e socialidade como idiomas fundamentais da produção da pessoa Calon (Cardoso; Bonomo, 2019; Marques, 2023; Santos; Oliveira, 2025).

⁵ “Chib” é a terminologia utilizada para denominar a linguagem do grupo Calon.

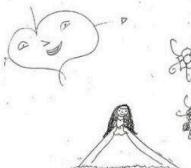
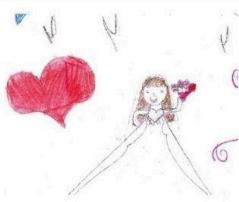
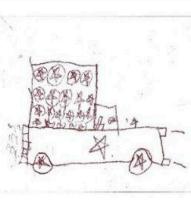
Com base no estudo realizado por Cardoso et al. (2019), as brincadeiras desempenham um papel central no processo de socialização étnica das crianças calin, integrando-se harmoniosamente às responsabilidades cotidianas e à preparação para a vida adulta. Como ilustra a fala de Gabriela (11 anos): "Desde os sete anos eu aprendi e ajudo. Eu lavo vasilha quando minha mãe sai, faço café. Mas brinco, minha mãe deixa eu ir brincar sim". Essa narrativa evidencia que a brincadeira não se opõe ao trabalho, mas complementa-o, em um processo de aprendizado gradual e supervisionado, no qual a criança assume tarefas domésticas reais enquanto mantém um espaço para o lúdico. Segundo os autores, esse "universo lúdico", descrito no artigo, ocorre no "espaço protegido do terreiro", um ambiente comunitário e seguro onde as brincadeiras fortalecem os laços grupais e reproduzem valores culturais. Além disso, observa-se uma clara divisão de gênero nesse processo: enquanto as meninas são orientadas para brincadeiras e tarefas ligadas à esfera doméstica e do cuidado – preparando-as para os futuros papéis de esposa e mãe –, os meninos são socializados em atividades que os capacitam para outras funções, como a negociação e o comércio, refletindo a organização social e as expectativas de gênero presentes na cultura cigana (Cardoso; Bonomo, 2019; Monteiro; Goldfarb, 2017; Marques, 2023; Santos; Oliveira, 2025).

A socialização étnica por meio do brincar não se limita à reprodução de práticas culturais, mas atua como um mecanismo potente de internalização de papéis sociais e expectativas de futuro alinhadas à identidade do grupo. Essa internalização torna-se visível nas projeções gráficas elaboradas pelas crianças, que revelam desejos e aspirações profundamente marcados pela cultura calon (Cardoso; Bonomo, 2019). Por exemplo, Gabriela, de 11 anos, desenhou a si mesma como uma noiva, com vestido e um buquê de flores nas mãos, enquanto Milena, de 8 anos, representou-se casada, com filhos, ao lado de uma barraca colorida; além disso, também se representou com 15 anos e seu marido com 16 anos. Essas imagens não correspondem a meras fantasias infantis, mas sim à materialização visual de um projeto de vida real e desejado, internalizado desde a infância por meio de brincadeiras, observação e participação nas dinâmicas familiares e comunitárias.

A brincadeira de "casamento", comum entre as meninas, deixa de ser uma simples mímese e transforma-se em um ensaio simbólico para um destino socialmente valorizado. Em contraste, o desenho do menino Daniel, de 10 anos, que projetou seu futuro por meio da aquisição de um carro equipado com som automotivo – um bem material associado à atividade econômica masculina no grupo – evidencia a diferença na socialização de gênero: enquanto as meninas são orientadas para a esfera doméstica e reprodutiva, os meninos são preparados para o provimento e a mobilidade econômica. Dessa forma, o brincar e as

atividades cotidianas funcionam como dispositivos de transmissão e reforço de papéis sociais genderizados, essenciais para a continuidade da organização social e cultural do grupo cigano (Cardoso; Bonomo, 2019).

Imagen 1: Desenhos feitos por Gabriela, Milena e Daniel.

	Gabriela (11 anos)	Daniel (10 anos)	Milena (8 anos)
Eu			
Família			
Futuro			

Fonte: Cardoso et al. (2019).

Assim, as brincadeiras e atividades lúdicas na infância calin transcendem a função de simples passatempo, consolidando-se como um mecanismo poderoso de transmissão cultural e de preparação concreta para os papéis adultos, notadamente aqueles vinculados ao matrimônio e à constituição familiar. Elas representam, portanto, não apenas um "universo lúdico", mas a própria "esperança de continuidade da tradição nas próximas gerações" (Berthier, 1979 citado por Cardoso; Bonomo, 2019). Se, por um lado, as brincadeiras de origem estritamente cigana preparam para a vida interna do grupo, por outro, a relação com o mundo não-cigano (gadjé) também se reflete no universo lúdico infantil, por meio de um processo complexo e ressignificação de brincadeiras, que será analisado a seguir.

3.2 RESSIGNIFICAÇÃO LÚDICA: COMO AS BRINCADEIRAS DOS JURENS SÃO RESSIGNIFICADAS NA COMUNIDADE CIGANA

As brincadeiras tradicionais da sociedade não cigana — ou juron, como são chamadas pelos Calon — adquirem novos significados quando apropriadas pelas crianças da comunidade cigana. Mais do que simples reproduções, essas práticas se transformam em espaços de criação cultural e de expressão identitária, em que a linguagem, o corpo e os objetos são ressignificados segundo os valores, os modos de vida e a cosmovisão Calon. Assim, o brincar deixa de ser apenas uma atividade recreativa e passa a ser uma forma de afirmação étnica e de aprendizagem social.

Diversos estudos (Lima, 2023; Marques, 2023; Pereira; Sampaio, 2016) mostram como as crianças Calon incorporam, adaptam e reinterpretam brincadeiras amplamente conhecidas no contexto não cigano, como o esconde-esconde, o pique-pega e os jogos de baralho. Essa apropriação revela a capacidade inventiva e simbólica das crianças ciganas, que transformam jogos aparentemente universais em práticas marcadas pela linguagem, pela gestualidade e pelos códigos próprios de seu grupo. As regras são maleáveis, os papéis sociais são reconfigurados e as interações assumem novas tonalidades, nas quais se manifestam tanto a solidariedade comunitária quanto a necessidade de negociar a alteridade Calon–juron.

Um exemplo emblemático dessa ressignificação é a brincadeira “Cadê a jurin? Cadê a jurin, paim? Faz só olhar!”, na qual a criança, por meio do olhar e do gesto de apontar, aprende a identificar o “outro” — o juron. Como observa Lima (2023), essa interação aparentemente simples é, na verdade, um jogo de linguagem que ensina modos de ser e de agir próprios da cosmovisão Calon. O gesto, a entonação e a repetição tornam-se instrumentos pedagógicos que inserem a criança no universo cultural de seu povo.

Outro exemplo é a brincadeira “Acusado”, descrita por Marcilânia, integrante da comunidade Calon, em relato citado por Monteiro (2019, p. 245):

Não sei se os não-ciganos brincam também, o nome da brincadeira é acusado. Brincava com uma lata e fica com um pau. Todo mundo vai esconder e alguém vai procurar; quando acha, fica batendo na lata dizendo acusado 2, 3, acusado 2, 3, 4. Não sei se o não-cigano não brincava, é um esconde-esconde com outra cara.

Essa fala evidencia como as brincadeiras Calon mantêm semelhanças estruturais com as não ciganas, mas são transformadas por gestos, expressões e significados próprios. O que parece familiar, ganha “outra cara”, outro corpo e43 outra linguagem.

Na brincadeira de “perseguição policial”, por exemplo, quando um adulto assume o papel do “policial” (o juron), a língua chibi é mobilizada como ferramenta de proteção. Trata-se, como observa Lima (2023), de um “elemento secreto do grupo”, um elo de comunicação que preserva os sentidos da comunidade e atua como uma barreira simbólica frente à escuta dos *gadjes* (não ciganos). O uso estratégico da língua, nesses momentos, transforma o jogo em um exercício de resistência e em uma forma de aprendizagem social, onde as crianças são ensinadas a lidar com o olhar externo e a reforçar sua pertença étnica.

No mesmo sentido, o jogo de baralho, frequentemente presente nas comunidades Calon, adquire uma dimensão educativa e socializadora. Embora mantenha a estrutura formal da “sueca” — com regras e combinações de cartas semelhantes às praticadas pelos não ciganos —, seu significado é radicalmente distinto. Como demonstra Lima (2023), o baralho entre os Calon é um espaço de sociabilidade e aprendizagem: nele, as crianças desenvolvem raciocínio lógico, estratégias de negociação e noções matemáticas, ao mesmo tempo em que internalizam valores e modos de convivência próprios de seu grupo. Assim, o jogo, ao ultrapassar a mera função recreativa, torna-se um instrumento de educação cultural e de transmissão de saberes.

Esses exemplos revelam como a brincadeira, no universo Calon, é um espaço de invenção e continuidade cultural. As crianças brincam, mas também aprendem — aprendem a ser Calon, a reconhecer o juron, a respeitar seus pares e a dominar os códigos que asseguram a coesão do grupo. O brincar é, portanto, um dispositivo pedagógico ancestral e orgânico, que opera dentro e fora da escola, e que sustenta a formação identitária desde a infância.

O brincar das crianças Calon no acampamento Mathias, em Quissamã, descrito por Ferrari (2010, citado por Marques, 2023), exemplifica esse processo. Ali, as crianças ressignificam as brincadeiras da sociedade não cigana — como pique-pega, chicotinho, amarelinha, gangorra e balanço — de acordo com suas condições materiais e simbólicas. Utilizam elementos da natureza e materiais recicláveis: bonecos de sabugo de milho, barracas de sacolas plásticas, folhas como dinheiro e brinquedos construídos com galhos e tecidos (Piorsky, 2016, citado por Marques, 2023). Essa criatividade evidencia que o brincar Calon é também uma forma de resistência à escassez material e um modo de manter viva a tradição oral e corporal do grupo.

A pipa, por sua vez, ocupa um lugar central no imaginário lúdico Calon. As crianças personalizam suas pipas com marcas populares e cores vibrantes, e as disputas — conhecidas como cruzo — transcendem o simples divertimento. São manifestações simbólicas que envolvem prestígio, comunicação e pertencimento. Outras brincadeiras, como o pique-lateiro,

o tá quente/tá frio e o jogo de “boneco paraquedista”, também foram mencionadas por Marques (2023), mostrando a amplitude e a vitalidade do repertório lúdico Calon.

Por meio do brincar, as crianças exercitam não apenas suas habilidades motoras, mas também suas competências comunicativas e sociais. Como ressalta Carlos (2022), elas se tornam “sujeitos produtores de cultura”, transformando o mundo à sua volta e afirmando sua identidade diante de uma sociedade que frequentemente as invisibiliza. O brincar é, nesse contexto, um ato político e pedagógico, um gesto de resistência que descoloniza a infância e reafirma o direito de ser diferente.

Essas práticas, que unem corpo, emoção e memória, também se articulam à língua falada pelas crianças ciganas. Como discutido anteriormente, a diferença linguística entre o português e o caló — idioma falado entre os Calon — é fator importante na construção da identidade cigana. O brincar, nesse sentido, torna-se também um espaço de resistência linguística, pois permite que as crianças usem expressões, termos e estruturas próprias da sua língua em contextos de trocas afetivas. Mesmo quando não compreendido por quem está de fora, esse idioma “brincado” carrega em si a força de uma memória ancestral que insiste em sobreviver, mesmo diante da marginalização.

Assim, apesar das dificuldades enfrentadas pelas comunidades ciganas — como a discriminação, a pobreza e a perda de algumas tradições —, o lúdico segue sendo um território fértil para a reinvenção. Como afirmam Pereira e Sampaio (2016), mesmo com a infância encurtada, “o brincar é memória e cultura que insiste em resistir”. Cada gesto, cada canção, cada palavra dita em caló durante o jogo ou a dança reafirma a potência de uma infância que, embora diferente da que se idealiza na sociedade majoritária, é plena de significados, afetos e aprendizagens.

4 CONCLUSÃO

A investigação sobre os jogos e brincadeiras da comunidade cigana Calon revelou uma realidade marcada por ausências e resistências. Ausências, porque há uma escassez significativa de registros acadêmicos sobre as práticas lúdicas ciganas, especialmente no campo da Educação Física; e resistências, porque, mesmo diante da invisibilidade e do preconceito, essas práticas persistem como espaços de formação cultural, aprendizagem e sociabilidade.

O diálogo informal, dado que não havia no projeto o planejamento da execução de entrevista, construído com Andréa Natália de Figueiredo Maia, aluna do curso de Licenciatura em Educação Física e integrante da comunidade cigana de Sousa (PB), representou um ponto de virada na pesquisa. Esse encontro foi mais do que uma troca de informações: constituiu-se como um ato epistemológico e ético, que permitiu acessar saberes tradicionalmente silenciados. A partir de seu relato, foi possível registrar brincadeiras como “*costudei sueli da mencha*”⁶ — um jogo de fases com cinco pedras ou saquinhos —, e “*paguerdou barri*”⁷, que envolve desenhos triangulares no chão e dinâmicas de competição. Esses jogos, de nomes e gestos carregados de significados, constituem patrimônios imateriais e vivos, preservados pela oralidade.

Imagen 2: Costudei sueli da mencha



Fonte: <https://www.jogostradicionais.org/bugalha> Acesso: 10 out. 2025

⁶ Brincadeira mencionada de forma informal pela Andréa Natália, integrante da comunidade cigana e aluna do Curso de Educação Física IFPB – Campus Sousa.

⁷ Brincadeira mencionada de forma informal pela Andréa Natália, integrante da comunidade cigana e aluna do Curso de Educação Física IFPB – Campus Sousa.

Imagen 3: Paguerdou barri



Fonte: <https://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/bolinhadegude/> Acesso: 10 out. 2025

Para compreender o sentido profundo dessas práticas, aplicamos a Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas, cuja proposta analítica distingue entre lógica interna — referente à estrutura formal da atividade, suas regras e papéis — e lógica externa, que abrange o contexto social, cultural e simbólico que dá sentido à prática. Essa teoria se mostrou um instrumento valioso para revelar as dinâmicas culturais subjacentes às brincadeiras Calon.

Observou-se que a lógica interna das brincadeiras Calon, em muitos casos, guarda semelhanças com as estruturas dos jogos não ciganos: há regras, papéis definidos e objetivos claros. Entretanto, a lógica externa, moldada pela cosmovisão e pelos valores da comunidade, altera radicalmente o significado das atividades. No esconde-esconde transformado em acusado, na “perseguição policial” mediada pela língua chibi ou no jogo de baralho reinterpretado como espaço educativo, o que se mantém é a estrutura do jogo — mas o sentido do brincar é outro.

A brincadeira “acusado” mencionada no Capítulo 3, por exemplo, é um caso paradigmático. Enquanto na lógica externa não-cigana uma versão similar do esconde-esconde tende a reforçar a obediência e a eliminação definitiva pelo perseguidor, na lógica Calon, o ato de gritar “acusado!” e bater na lata inaugura um duelo simbólico. A possibilidade de chutar a lata e reverter a situação incorpora, no próprio cerne da brincadeira, valores fundamentais de liberdade, autonomia individual e desafio a uma autoridade imposta. Isso demonstra que, sob o olhar praxiológico, cada brincadeira Calon é um espaço de tradução cultural, onde a estrutura lúdica (lógica interna) é atravessada por um modo de vida (lógica externa). É nessa intersecção que se constrói a força simbólica do brincar cigano: ao mesmo

tempo em que preserva a tradição, ele reinventa o cotidiano e garante a continuidade dos saberes

Sob o olhar praxiológico, percebe-se que cada brincadeira Calon é um espaço de tradução cultural, onde a estrutura lúdica (lógica interna) é atravessada por um modo de vida (lógica externa). É nessa intersecção que se constrói a força simbólica do brincar cigano: ao mesmo tempo em que preserva a tradição, ele reinventa o cotidiano e garante a continuidade dos saberes. O brincar, portanto, é um ato de resistência e de reinvenção. Ao brincar, as crianças Calon aprendem a língua, os gestos e os valores de seu povo; aprendem a se proteger e a se afirmar diante do olhar do juron; aprendem, enfim, a ser Calon. Cada regra adaptada, cada gesto aprendido, cada riso compartilhado é uma forma de educar o corpo e o espírito na cultura da coletividade.

Assim, os jogos e brincadeiras ciganas não são meros objetos de estudo, mas janelas para compreender como uma cultura se reinventa diante da adversidade. Como demonstram os estudos sobre Sousa (Figueiredo, 2012) e Quissamã (Marques, 2023), quando uma criança cigana brinca, ela está escrevendo - com o corpo, a voz e a imaginação - um capítulo essencial da diversidade humana que merece ser lido com atenção e respeito. O estudo aqui apresentado vai além da revisão de literatura. É um chamado à ação para que pesquisadores, educadores e formuladores de políticas públicas olhem com atenção para essas infâncias plurais. Afinal, proteger o direito de brincar dessas crianças é, em última instância, garantir que a ciganidade continue a florescer — não como folclore, mas como forma de vida dinâmica e digna de ser celebrada em sua complexidade.

Conclui-se que a invisibilidade acadêmica e social das brincadeiras ciganas não é apenas uma lacuna científica, mas uma questão política e epistemológica. É urgente construir arquivos do lúdico que escapem à lógica colonial da escrita, reconhecendo o saber oral e corporal como fonte legítima de conhecimento. A Praxiologia Motriz, nesse sentido, oferece uma via promissora para compreender o brincar como fenômeno total: corporal, simbólico e social.

Recomenda-se, portanto, que futuras pesquisas avancem em três direções principais: (a) o desenvolvimento de estudos etnográficos colaborativos com as comunidades ciganas; (b) a criação de repositórios audiovisuais e digitais que registrem as práticas lúdicas Calon como patrimônio cultural imaterial; e (c) a inserção dos saberes tradicionais ciganos nos currículos escolares, especialmente nos cursos de Educação Física, como forma de promover uma educação plural, decolonial e sensível às diversidades.

REFERÊNCIAS

- BERTHIER, J. *The socialization of the gypsy child. International Social Science Journal*, v. 31, n. 3, p. 376–392, 1979. In: CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsverhrFQcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsverhrFQcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- CARLOS, Liana Liberato Lopes. *Leituras de si nas Cirandas Ciganas com as crianças do Bairro Sumaré em Sobral/CE: hibridação e resistências*. 2022. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- COSTA, E. CAVALCANTE, L. CUNHA, J. *Acampamentos “ciganos” 2017: os desafios da implementação de direitos*. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas. n. 4, v. especial II, 2017, p. 231-265. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/236305>. In: LIMA, Marilene Gomes de Sousa. *Aquisição de linguagem e interação em crianças ciganas Calon: práticas discursivas no contexto multilingue de Sousa/PB*. 2023. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: [arquivo PDF fornecido pelo usuário].
- DEMARTIS, L. *Compendio de sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999. In: CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsverhrFQcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- ELKIN, F. *A criança e a sociedade*. Rio de Janeiro: Bloch, 1968. In: CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsverhrFQcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- FERRARI, Florencia. *O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: 10.11606/T.8.2010.tde-02082010-191204.

FIGUEIREDO, F. S. *Calon: História e Cultura Cigana*. 2. ed. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2012. In: LIMA, Marilene Gomes de Sousa. *Aquisição de linguagem e interação em crianças ciganas Calon: práticas discursivas no contexto multilingue de Sousa/PB*. 2023. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: [arquivo PDF fornecido pelo usuário].

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória : UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

LIMA, M. G. S. *Um olhar sobre a aquisição da linguagem da criança cigana Calon*. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

LIMA, Marilene Gomes de Sousa. *Aquisição de linguagem e interação em crianças ciganas Calon: práticas discursivas no contexto multilingue de Sousa/PB*. 2023. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: [arquivo PDF fornecido pelo usuário].

LIMA, T. R. S. (2014). *Ciganos: Breve definição e análise dos movimentos sociais e políticas públicas no Brasil até 2014*. Humanidades em Diálogo, 6(1), 225-237. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2014.106271> In: CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsVrhrFQcC/abstract/?lang=pt>.

MARQUES, Maria Cristina. *O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 2023. 408 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

MONTEIRO, E. N. J. *As crianças Calon: uma etnografia sobre a concepção de infância entre os ciganos no Vale do Mamanguape/PB*. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MONTEIRO, E. N. J. *Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon*. 2019. 392 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MONTEIRO, E. N. J.; GOLDFARB, M. P. L. *A infância Calon: notas sobre o “ser criança” entre os ciganos no Vale do Mamanguape – Paraíba/Brasil*. *Fragmentos de Cultura*, v. 27, n. 1, p. 19-29, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18224/frag.v27i1.5445>.

MONTENEGRO, M. (2013). *Aprender a ser cigano hoje: Empurrando e puxando fronteiras*. In: CARDOSO, Grecy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTsVhrFQcC/abstract/?lang=pt>.

MOONEN, F. *Anticiganismo no Brasil: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3. ed. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2011.

PEREIRA, Carmem Souza; SAMPAIO, Thássia de Sá. *Variação lexical em comunidade cigana: “jogos e diversões infantis”*. 2016. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus IV, Jacobina, 2016.

RANGEL, Maria José. *A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente às novas exigências sociais*. 2019. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Autônoma de Asunción, Paraguai, 2019.

RIBAS, João Francisco Magno. *Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola*. v. 11, n. 2, 22 fev. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/169/140>. Acesso em: 17 jul. 2025.

SAURA, Soraia Chung. *O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 1, p. 163-175, jan./mar. 2014.

SHIMURA, Igor Mario. *Ser cigano: identidade étnica em um acampamento Calon itinerante*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

SILVA, Jackeline dos Santos; SANTOS, Karla de Oliveira. *As infâncias ciganas em um Centro Municipal de Educação Infantil de Carneiros/AL*. Diversitas Journal, v. 10, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.48017/dj.v10i1.3204>. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/3204. Acesso em: 15 jul. 2025.

SILVA JÚNIOR, A. A. *A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

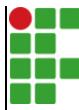
SILVA JÚNIOR, Aluizio de Azevedo. *Produção social dos sentidos em processos interculturais de comunicação e saúde: a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal*. 2018. 504 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde)-Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA FILHO, Israel Dias da. *A (In)visibilidade social e marginalização das etnias ciganas frente às políticas educacionais: o caso do povo Calon do município de Sousa (Paraíba)*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SILVA, Camila Ferreira da; LOPES, Rodrigo de Macedo. *Snowball sampling no exercício de revisar literatura: notas sobre o potencial dialógico*. Revista Educação em Páginas, [S. l.], v. 3, n. 03, p. e14789, 2024. DOI: 10.22481/redupa.v3.14789. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/redupa/article/view/165>

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Horizonte, 1983. In: CARDOSO, Greicy Kelle Andrade; BONOMO, Mariana. *Infância Calin: socialização étnica e identidade social entre crianças ciganas*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe, 6 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222651>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/C3LS3VRYZ6h9JTs vrhrFOcC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2025.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Por uma história dos ciganos no Brasil: políticas anti-ciganas e vivências libertárias*. In: GOLDFARB, M. P. L.; TOYANSK, M.; OLIVEIRA, L. (org.). *Ciganos: olhares e perspectivas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 347.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Sousa - Código INEP: 25018027
	Av. Pres. Tancredo Neves, S/N, Jardim SorriLândia III, CEP 58805-345, Sousa (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0004-18 - Telefone: None

Documento Digitalizado Restrito

Entrega de Trabalho de Conclusão de Curso

Assunto:	Entrega de Trabalho de Conclusão de Curso
Assinado por:	Anna Thereza
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Restrito
Hipótese Legal:	Controle Interno (Art. 26, § 3º, da Lei no 10.180/2001)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

■ Anna Thereza Galdino de Sousa, ALUNO (202018750026) DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - SOUSA, em 15/12/2025 15:13:22.

Este documento foi armazenado no SUAP em 15/12/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1701060

Código de Autenticação: d56186cc83

